

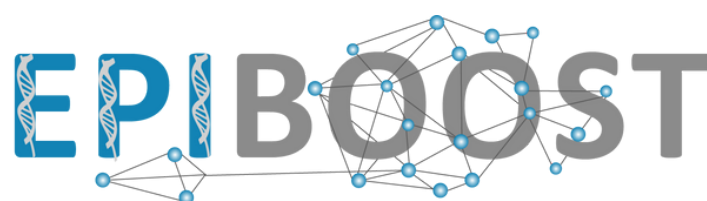
BOAS PRÁTICAS & CASOS DE USO

EPIBOOST – BOOSTing excellence in environmental EPIgenetics: da imposição do financiador à adoção da gestão de dados como ferramenta estratégica

A gestão de dados de investigação e a sua abertura à comunidade científica e a outras comunidades interessadas tem vindo a ganhar crescente relevância e era uma temática já conhecida, nomeadamente através da experiência de participação em projetos Twinning.

Contudo, o marco decisivo neste processo ocorreu com a aprovação de um projeto na Universidade de Aveiro centrado na análise epigenética e que envolve dados de sequenciação, tradicionalmente depositados em plataformas internacionais amplamente utilizadas. Estes dados são frequentemente reutilizados por diversos investigadores, permitindo novas abordagens a problemas já estudados ou a questões emergentes, reforçando o valor da partilha e da reutilização da informação científica.

O projeto EPIBOOST – BOOSTing excellence in environmental EPIgenetics está enquadrado no Programa Horizonte Europa que tornou a prática de acesso aberto aos dados obrigatória. Este enquadramento institucional trouxe novos desafios formais, exigindo maior rigor na implementação das boas práticas de gestão de dados e no cumprimento das obrigações estabelecidas nos grant agreements.



EPIBOOST – BOOSTing excellence in
environmental EPIgenetics

Investigadora Entrevistada

 Joana Pereira

Etapas do Ciclo de Vida dos Dados

-  Planeamento
-  Partilha
-  Reutilização

Estrutura da narrativa

-  Descrição
-  Três lições aprendidas
-  Três desafios futuros
-  Cinco questões sobre GDI



**VER RECURSO
COMPLETO**

A adoção de práticas estruturadas de gestão de dados de investigação tem demonstrado benefícios claros tanto para os investigadores como para as instituições.

Joana Pereira

A prática desmistifica a perceção burocrática

A gestão de dados de investigação só se torna clara e compreensível quando é efetivamente praticada. O contacto direto com os requisitos e procedimentos permitiu ultrapassar a ideia inicial de que se tratava apenas de uma obrigação administrativa sem benefícios.

Fluxos de registo estruturados aumentam a eficiência

A ausência de fluxos claros de registo e organização de dados gera perdas de tempo e descontinuidade nos projetos, sobretudo quando há rotatividade de investigadores. A implementação de processos formais, como a preparação de dossiês para depósito em acesso aberto, revelou-se uma estratégia eficaz para monitorizar o progresso da investigação e assegurar continuidade.

Capacitação gera cultura e sustentabilidade

A obrigatoriedade de adotar boas práticas de gestão de dados impulsionou a formação da equipa e estimulou a criação de hábitos que beneficiarão as gerações futuras de investigadores. O treino e a adaptação inicial, embora exigentes, abriram caminho para que os novos investigadores encarem estas práticas como parte natural do processo científico.

3 DESAFIOS FUTUROS

REFORÇO DO APOIO INSTITUCIONAL ESPECIALIZADO

Um dos principais obstáculos prende-se com a ausência de equipas dedicadas de data stewards capazes de apoiar coordenadores e gestores de projetos, sobretudo em consórcios internacionais de grande dimensão.

INTEGRAÇÃO DA FORMAÇÃO EM CURRÍCULOS ACADÉMICOS

A gestão de dados de investigação deve ser incorporada desde cedo nos percursos formativos, começando na licenciatura e aprofundando-se no mestrado e doutoramento. A ausência desta preparação inicial faz com que os investigadores encarem estas práticas como exigências adicionais e burocráticas.

RECONHECIMENTO E PROTEÇÃO DA AUTORIA DOS DADOS

(...) A falta de mecanismos eficazes para garantir citações e rastrear reutilizações fragiliza a confiança dos investigadores e cria barreiras psicológicas à abertura. O futuro passa por desenvolver ferramentas e práticas que assegurem integridade e reconhecimento, promovendo a cultura de que um dataset tem o mesmo valor e estatuto de uma publicação científica.